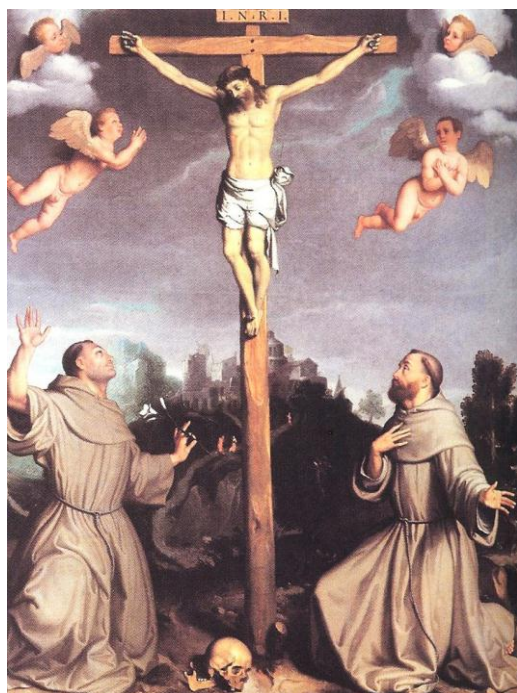


CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO DA FRATERNIDADE DE SANTO ANTÔNIO DO LARGO DA CARIOCA/RJ.



INTRODUÇÃO:

Logo depois de ser eleita Ministra pelos irmãos da Fraternidade de Santo Antônio do Largo da Carioca, no Capítulo Eletivo de março de 2010, recebi juntamente com todo o Conselho eleito a incumbência de reavivar a vida fraterna e conduzir a Fraternidade ao seu Centenário que celebramos em **08 de dezembro de 2011**. Sabíamos que a missão seria difícil, mas com a ajuda de Deus é tremendamente possível, por isso, vasculhando antigos documentos, tomamos conhecimento de vários e importantíssimos fatos ocorridos no decorrer desses 100 anos de história da caminhada franciscana de nossa Fraternidade e daqueles irmãos que nos antecederam e que, por amor, muito fizeram para que os irmãos de agora se

espelhem.

Diante de tamanha “riqueza franciscana” de vida e história com a participação de inúmeros irmãos, que lá na essência de sua origem, se entregaram de corpo e alma ao serviço e à divulgação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e vivenciaram em suas vidas esta grande experiência da fraternidade universal, sob a luz do Espírito Santo, conforme o desejo de nosso Seráfico pai São Francisco de Assis, nossa mãe Santa Clara, protegidos e guiados pela Virgem Maria Imaculada Conceição e por intercessão de nosso Padroeiro Santo Antônio, para trazer ao conhecimento de todos um pequeno resumo, divididos em três capítulos, sobre o Centenário da Fraternidade de Santo Antônio do Largo da Carioca.

Kátia Sodré Lima Barros
Ministra

Fraternidade de Santo Antônio do Largo da Carioca no Rio de Janeiro
Triênio 2010/2013.

PEQUENO HISTÓRICO DA ORIGEM, FUNDAÇÃO

I) DOS PRIMEIROS 50 ANOS DA FRATERNIDADE (1911-1961).



Iniciamos mencionando a consagrada obra de Frei **Basílio Röwer**, OFM, que foi Diretor de nossa Fraternidade de 1932 a 1937, Livro: **O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, sua história, memórias, tradições**,

que no capítulo XI, pág. 216 do livro, descreve a fundação da Ordem Terceira no convento, conforme segue: “A terceira instituição do seráfico Pai São Francisco, a Ordem Secular da

Penitência, tem sido sempre a menina-dos-olhos da Igreja e de nossa Ordem. É porque seu escopo é formar cristãos católicos que o sejam de verdade. Os longos anos de sua existência (são mais de 700) revelam, à saciedade, a sua eficácia nesse sentido.

Grande é a falange de seus santos e inúmeros são os católicos que, abraçando a Regra dessa Ordem, elevaram-se acima do nível comum dos que vivem no mundo. Leão XIII chamava a Ordem Terceira Franciscana a sua reforma social.

Existe, desde 1619, a Ordem Terceira da Penitência ao lado do convento, possuidora de avultados bens e inextinguível na caridade aos doentes e desamparados no modelar hospital da Tijuca, no ambulatório do Largo da Carioca e na administração de ensino da Escola Padre Mota, na Prainha.

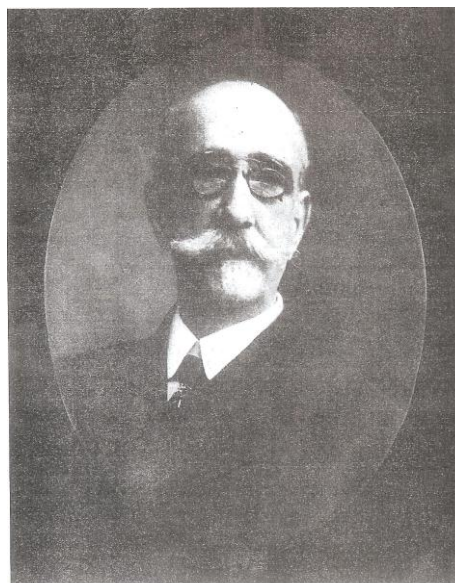
Quiseram os religiosos estabelecer no convento uma Fraternidade da Ordem que, não acumulando bens materiais, se dedicasse, sobretudo, ao cultivo da vida cristã na observância da Regra.

A essa fundação deu-se no começo em janeiro de 1912, com a recepção de 15 noviços e 26 noviças. Ficou estabelecido o quarto domingo do mês para a comunhão geral e a reunião mensal, prescritas pela Regra, de modo que aos 28 de janeiro desse ano houve a primeira reunião. A ereção canônica se fez aos 15 de dezembro do mesmo ano com recém-professo que, privadamente, haviam sido recebidos. A alma de tudo era Frei Inácio Hinte, que, com dedicação, dirigiu a sua obra até 1926.”

Teve início a Fraternidade de Santo Antônio, da Ordem Terceira de São Francisco no dia **8 de dezembro de 1911**, com a imposição do escapulário e cordão, como noviço isolado **Carlos Conrado de Niemeyer**. Foi celebrante o Reverendíssimo Frei Inácio Hinte, OFM. No dia **10** do mesmo mês seguiram-no dois companheiros – Aniceto Francisco Maçol e Joaquim José da Costa Ortigão Sampaio. Receberam os nomes de José, Francisco de Assis e Luiz de França.

CARLOS CONRADO DE NIEMEYER

(neto de Conrado I) - Nasceu no Rio de Janeiro, a 01/06/1844, em Piedade do Iguassu, Serra do Comércio (<http://www.ipahb.com.br/iguacu.php>). Engenheiro Civil. Filho de Joaquim Carlos de **Niemeyer** e de Ana Vitorina Mendonça de **Niemeyer**. Descendente **do General Jakob Konrad von Niemeyer**. Foi batizado em 11/01/1845 no **Oratório do Coronel Conrado Jacob, Rio de Janeiro**. Em 1896 o encontramos na função de Conselheiro do Clube de Engenharia e residente na Rua Marquês de Abrantes, n.º 33. Em 1876 o encontramos trabalhando nas Oficinas da Estrada de Ferro D. Pedro II. Faleceu no Rio de Janeiro, na Rua Almirante Tamandaré, n.º 36, a 16/11/1922. Foi casado no Rio de Janeiro, a 02/06/1866, com Guilhermina Leopoldina de Oliveira Werneck, falecida em 03/06/1909.



Engenheiro Carlos Conrado de Niemeyer

O Dr. Carlos Conrado de Niemeyer era descendente de ilustríssima família e herdeiro de todas as qualidades das raças nobres, que entre os seus ascendentes contava com vultos dos mais preclaros, não desmereceu das tradições da sua estirpe, a cujo exemplo serviu a sua pátria de modo benemérito e com inextinguível dedicação.

Nos cargos públicos que desempenhou sempre com brilho ou na atividade da profissão liberal em que se distinguia, pela sua elevada competência, igualmente realçam a sua atuação seu peregrino merecimento e a sua probidade inextinguível. Em qualquer dos postos que ocupou, durante a sua longa e laboriosa existência, quer ao serviço de empresas particulares, deixou de sua passagem ou mais benéficos, vestígios, criando simpatias e amizades, pela escrupulosa exatidão com que cumpria o seu dever.

Ao falecer em 1922 era o chefe da ilustre família Niemeyer, que tem dado ao Brasil os mais dedicados servidores, era o Dr. Carlos Niemeyer filho de Joaquim Carlos de Niemeyer, antigo agente da Estrada de Ferro Central, e de Dona Anna Mendonça de Niemeyer, e neto do eminente engenheiro Coronel Conrado Jacob de Niemeyer, uma das maiores figuras da engenharia brasileira.

Era sobrinho do Marechal Conrado Jacob de Niemeyer, e do Dr. Giffening von Niemeyer e dos Drs. João Conrado de Niemeyer e Arsenio G. de Niemeyer. Entre seus sobrinhos destacam-se o Carlos de Niemeyer Sobrinho, Conrado Borlido Maia de Niemeyer, o Dr. Alfredo C. de Niemeyer, João Conrado de Niemeyer, o Major de Engenharia Álvaro G. de Niemeyer, Alberto de Niemeyer, Dr. Luiz Moraes de Niemeyer, Dr. Carlos Moraes de Niemeyer, o 1º Tenente João Moraes de Niemeyer e o Major Dr. Frederico M. de Niemeyer.

Nasceu nesta cidade em 1 de Julho de 1844. Era bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, Engenheiro, Geógrafo e Civil pela antiga Escola Central, da qual saiu formado em 1867, na mesma turma de Fernandes Pinheiro, Fernando Lobo Leite Pereira, Oliveira Campos, Teixeira Soares e outros.

Desde a época da sua formatura e de anos assas longínquo prestou ao país serviços valiosos, servido de uma grande inteligência, um preparo técnico excepcional e um caráter da mais pura têmpera.

Sua grande competência e sua proverbial honradez profissional criaram ao Dr. Carlos Niemeyer um alto prestígio, em todas as esferas da sociedade brasileira, como o respeito e a estima daqueles com quem tivera contato, tanto aqui, como no estrangeiro.

A sua colaboração profissional nos empreendimentos técnicos do seu tempo, não teve, pó assim dizer, interrupção até a morte. E a vida pública do Dr. Carlos de Niemeyer, com ser um padrão de hombridade e de civismo, é igualmente um exemplo de atividade da mais intensa e produtiva atuação.

O pranteado engenheiro serviu na Estrada de Ferro Central do Brasil, durante longos anos, onde começou a trabalhar, ainda estudante, em 10 de Março de 1865, nas oficinas da antiga Estrada de Ferro Pedro II.

Em Março de 1867, logo após de formado, seguiu para a Bélgica em viagem de estudos, e lá permaneceu três anos, trabalhando nas importantes oficinas de Sering, em Liège.

Em 1 de Agosto de 1871, foi nomeado chefe do movimento da Estrada de Ferro Pedro II.

Em 8 de Julho de 1872, foi nomeado chefe da tração da mesma estrada.

Em 21 de julho de 1873, foi nomeado chefe das oficinas. Em 31 de Agosto de 1875, chefe da locomoção, lugar que exerceu até 31 de Janeiro de 1890. Neste interregno, exerceu também, em 1885, o lugar do diretor da mesma estrada D. Pedro II. Como chefe de locomoção, foi o engenheiro Carlos de Niemeyer que organizou as oficinas do Engenho de Dentro, sempre respeitado e acatado por todos os seus subordinados e pelos operários que serviram sob sua direção, os quais conservaram indelével estima ao incansável e justiceiro chefe, a quem sempre procuravam. Por esse tempo, teve como auxiliares e distintos engenheiros Francisco Monlevade, Gustavo da Silveira, Chagas Dória, Ernesto Otero, Carvalho de Souza, e chefe de máquinas Alfredo Lima.

Em 1890, desejando empregar sua atividade em empresas particulares, deixou aquela repartição, exercendo importantes cargos nas Empresas de Obras Públicas, Forjas e Estaleiros e Leopoldina Railway, onde ocupou a mais alta posição, como a de superintendente geral, e mais tarde a de consultor técnico.

Em 31 de Dezembro de 1907, foi nomeado pelo Governo chefe de seção da Inspetoria de Estradas de Ferro, e ali exerceu por, diversas vezes, o cargo de inspetor geral.

Aposentou-se no lugar de chefe de seção, em Março do ano próximo passado.

Exerceu, além disso, inúmeras comissões de confiança técnica.

Representou, com grande brilhantismo, o Brasil na Exposição Universal de Chicago.

Na Exposição Universal de Paris, foi distinguido com a medalha de ouro, pelos seus importantes trabalhos executados nas Oficinas do Engenho de Dentro, da Estrada de Ferro Central do Brasil.

No Império, foi agraciado por Sua Majestade o Imperador D. Pedro II com o oficialato da Ordem da Rosa. Fazia parte do Clube de Engenharia, do qual era membro do conselho diretor, do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto de Engenharia de França e de muitas associações de caridade e religiosas.

As ligeiras notas biográficas que se leram, omitiram, todavia, detalhes dessa carreira fecunda e brilhantíssima e não comportariam, dentro da feição da Brazil Ferro Carril, a apreciação mais íntima da personalidade privada do Dr. Carlos Conrado de Niemeyer. Cumpre dizer porém, que nele o particular austero correlativo ao homem público.

Chefe de família exemplar e estimadíssimo por todos que tiveram a felicidade de conhecê-lo pelas suas altas qualidades de caráter e de coração, no ilustre extinto um fervoroso católico.

Apesar da avançada idade a que atingira prestava ainda relevantes serviços ao Brasil, através da sua atuação no Conselho Diretor do Clube de Engenharia, estudando, discutindo, orientando questões importantíssimas da sua profissão. De sorte que a sua perda deixa um vácuo sensível, assinalado pelos seus colegas de diretoria daquele instituto científico, na sessão que realizaram para tomar conhecimento da sua morte.

Foram de toda sorte, como era justo, as homenagens prestadas ao eminente engenheiro falecido, a cuja ilustre família o Sr. Dr. Arthur Bernardes, Presidente da República, fez telegrafar as suas condolências. E a Brazil Ferro Carril, associando-se a elas, toma sinceramente a sua parte no luto que tal perda ocasiona à engenharia nacional.

Texto extraído da Revista Brazil-Ferro-Carril – Revista Quinzenal de Transportes, Economia e Finanças – Anno XIII – 30 de Novembro de 1922 – Vol. XXIII – Nº 272

No dia **28 de janeiro de 1912** se realizou a primeira Reunião Geral e entre os noviços foi escolhida a primeira mesa administrativa recaindo a escolha do Superior nos nomes do irmão José (Carlos Conrado de Niemeyer) para **Ministro**, irmão Luiz de França (Joaquim José da Costa Ortigão Sampaio) para **Secretário** e o irmão Francisco de Assis (Aniceto Francisco Maçol) para **Tesoureiro**, base inicial da vida administrativa da nova Fraternidade.

Em **15 de dezembro de 1912**, a Fraternidade foi erigida canonicamente, com a devida licença da cúria metropolitana e autorização do Ministro Provincial da Imaculada Conceição do Brasil. Estiveram presentes nessa solenidade, além do Frei Inácio Hinte, OFM, Frei Diogo de Freitas, OFM na época Guardião do Convento de Santo Antonio, sob cujo teto paternal a Fraternidade de Santo Antônio vive até hoje.

Coube ao pequeno grupo pioneiro a tarefa mais difícil: **Propagar o ideal franciscano e atrair novos irmãos e irmãs**. Da sessão feminina a irmã Joana Francisca de Chantal (**D. Ester Pedreira de Melo**) foi a primeira Ministra da Fraternidade.

Foto e Histórico

Esther Pedreira de Mello: uma feminista na Direção da Escola Normal

Decidi investigar para meu projeto de tese de doutoramento, **Esther Pedreira de Mello**, uma mulher do século XIX que, ainda que a profissionalização da professora primária ainda não tivesse ocorrido de fato, foi indicada por José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, para dirigir a Escola Normal do Distrito Federal no primeiro decênio do século XX.

Este ato de Medeiros e Albuquerque foi tão inovador para a sociedade naquele momento que, anos depois, na Academia Brasileira de Letras, Afrânio Peixoto, ao discursar sobre a morte deste amigo (SILVEIRA, 1954, p.90), lembrou-se que ele à frente da Diretoria de Instrução Pública ele criara novos valores, fora da esfera política, Manoel Bonfim e Esther Pedreira de Mello, na movimentação da reforma do Distrito Federal.

Também de Esther Pedreira se lembrou o educador Paschoal Leme, em suas Memórias[1]:

Em consequência dessas medidas, o velho casarão do Largo do Estácio, onde funcionava então a Escola Normal, encheu-se de repente com cerca de três milhares de novos alunos, a maioria, naturalmente, constituída de elementos do sexo feminino, que sempre predominaram no magistério primário: a matrícula que fora de 889 alunos, em 1918, subiu para 2.950, em 1919. [...] Alguns incidentes dessa época quebraram a regularidade das aulas e produziram impactos variados que, por assim dizer, enriqueceram a secura da rotina das aulas. Assim foi a revolta, principalmente dos rapazes, contra a nomeação de Ester Pedreira de Melo para diretora da escola, a

primeira mulher a ascender a essa posição, apesar de ser professora de renome e também uma das primeiras a ocupar o cargo de inspetora escolar. (p.120)

Esther fez parte da Congregação da Escola Normal do Distrito Federal, meu objeto de estudo no Mestrado, que me levou ao encontro de vários educadores, suas histórias de vida, suas redes de sociabilidade e as obras pelas quais se perpetuaram. Dentre mais de cem educadores, todos homens, surgiu na pesquisa o nome de Esther Pedreira, não uma professora - mestre de Trabalhos de Agulha ou Ginástica[2] Feminina, mas professora de Pedagogia da Escola Normal, o que me instigou, visto o papel representado por esta Cadeira naquela época. Reger as aulas de Pedagogia, significava ser responsável administrativa e pedagogicamente pela Escola Anexa, cargo até então não ocupado pelo gênero feminino, onde os ensinamentos práticos da profissão docente eram ministrados por adjuntas.

Ao pesquisá-la, ainda então, muito superficialmente, descobri que fizera parte da luta de emancipação feminina ao lado de outras mulheres de seu tempo, o que lhe dava um patamar social de exercício de cidadania muito além das atividades profissionais que exerceu.

Esther Pedreira de Mello, baiana da cidade de Cachoeira, segunda filha do casamento de D. Clara Pedreira de Mello e do Dr. Isaias Guedes de Mello. Estudou na Escola Normal para ser professora primária até 1897, após os exames finais realizados na 4ª escola feminina do 1º Distrito [3], tendo sido aluna exemplar, razão pela qual foi convidada, a partir de 1902, a reger as aulas de Pedagogia. [4]

Foi, antes de ser professora de Pedagogia, designada por Medeiros e Albuquerque como Inspetora Escolar, cargo reservado, segundo Silveira (1954, p. 89) a afilhados de políticos, não por sê-lo, ainda que seu pai, Dr. Isaias Guedes de Mello, fosse conhecido e hábil advogado com grande clientela, inclusive Ruy Barbosa, mas por merecimento, sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo. (p.89).

Por outro lado, o pai de Esther, o advogado Dr. Isaias Guedes de Mello, durante a luta da Dra. Myrthes Gomes de Campos para ingressar no Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros (IOAB) no início do século XX, por duas vezes votou contrariamente à entrada da causídica por ser ela mulher[5], logo não devia entender e apoiar os cargos que sua filha galgava, ainda que estes fossem no magistério e, provavelmente não teria usado seu prestígio no campo jurídico para impulsionar a carreira profissional da filha.

Para ele, a mulher deveria ser do lar, assim como a personagem Isidora, tão bem descrita por Júlia Lopes de Almeida:

Quatro horas da tarde, Isidora acaba de servir chá com bolos às suas amigas Madalena, Luciana e Marta. O gato preto Nhônô persegue no chão as sombras movediças da trepadeira da janela, de folhas chatas como borboletas. As senhoras palestram. (1910, p. 09)

Esther Pedreira de Mello assumiu a direção da Escola Normal, ao deixar este cargo o Dr. Ignácio Manuel Azevedo do Amaral (1883-1950), para ser reitor da Universidade do Brasil, em 1920. Foi a primeira mulher brasileira a dirigir um educandário público e legitimado como formador de professores primários, no Distrito Federal. Não foi, no entanto, bem recebida na Escola Normal a assunção da professora Esther ao cargo de Diretora seja pelos professores, seja pelos alunos, ainda que poucos,

Por que Medeiros e Albuquerque tomou esta decisão legítima e nomear uma mulher, ex-normalista e voltada às lutas de emancipação feminina, para dirigir a Escola Normal quando tinha possibilidade de escolher qualquer intelectual do gênero masculino, membro da Congregação ou de seu grande círculo de amigos sem criar polêmica alguma?

Tendo uma educação formal, aos moldes da época dentro do espaço familiar, os exemplos históricos de Ana Nery[6] e Maria Quitéria[7], suas conterrâneas do Recôncavo baiano teriam influenciado a professora Esther a envolver-se na luta feminina participando da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher?

Esther Pedreira de Mello participou, também, como presidente, da Sociedade Anônima Escola Primária, entidade que criou, responsável pela publicação da Revista A Escola Primária (DOU de 22/11/1916)[8], da Conferência Interestadual de Ensino Primário em 1921[9] e da I Conferência pelo Progresso Feminino, na Comissão de Educação e Instrução (1922)[10], o que demonstra que ia além do discurso para o pragmatismo de ações em prol de suas convicções.

Era, portanto, uma mulher voltada à luta feminina através da educação da mulher, que, ao lado de Bertha Lutz e Nísia Floresta, ficou obscurecida provavelmente por morrer muito cedo, em 1923, no início da luta feminista.

Não pude encontrar nenhuma obra sobre Esther Pedreira de Mello e sua participação profissional na Inspetoria da Instrução Pública e na Escola Normal. Seu nome, no entanto, foi citado na Conferência pelo Progresso Feminino, constante do fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, do acervo do Arquivo Nacional brasileiro, como também em fonte na fundação, como presidente, da Revista Ensino Primário, e como membro de Comissão para deliberação de estágios e programas de ensino sobre as escolas rurais e urbanas, em 1921, fonte do acervo do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Também não pude encontrar, senão referências do nome da educadora, em pesquisas sobre Bertha Lutz ou Nísia Floresta e em estudos das Conferências, Congressos e movimentos que participou. Nestes trabalhos apenas seu nome é citado, sem qualquer afiliação, seja à Inspetoria, seja à presidência da Revista do Ensino, seja como diretora da Escola Normal do Distrito Federal, o que me impulsionou, cada vez mais, a contribuir para os estudos historiográficos desta mulher e sua atuação na área da educação de modo a preencher uma lacuna sobre os estudos de gênero.

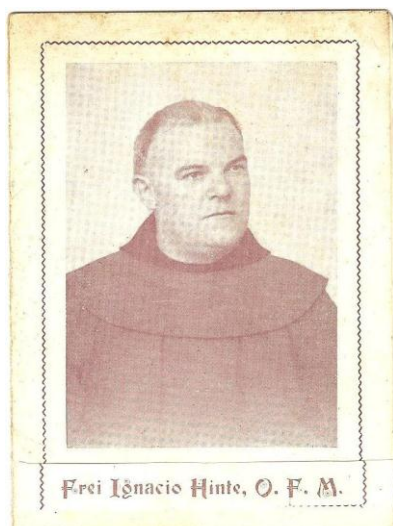
Na rede de escolas municipais do Rio de Janeiro não pude achar a Escola Municipal professora Esther Pedreira, citada por Silveira (1954) como sendo no 6º Distrito Escolar (p.90) embora exista na Biblioteca Nacional um Hino à Escola Esther Pedreira de Mello, oferecido por Ernesto Nazareth, seu autor e ex-aluno desta escola, à Diretora D. Zuleica.

Estou às voltas, pois, com uma mulher, nascida no século XIX (1880), que participou da luta feminina sem no entanto ter reconhecimentos póstumos por esta ação. Esther, no meu pesquisar, ainda inicial, está na penumbra. Estou à procura, em minhas investigações e fontes, de luzes que a mostrem por inteiro: mulher e educadora da Escola Normal.

Estou às voltas, pois, com uma mulher, nascida no século XIX (1880), que participou da luta feminina sem no entanto ter reconhecimentos póstumos por esta ação. Esther, no meu pesquisar, ainda inicial, está na penumbra. Estou à procura, em minhas investigações e fontes, de luzes que a mostrem por inteiro: mulher e educadora da Escola Normal.

Posted 12th August by [Professora Msc. Heloisa Helena Meirelles \(UERJ\)](#)

Não faltaram bênçãos à nova Fraternidade, atestando o número sempre crescente daqueles que procuravam viver o ideal evangélico, novamente anunciado e lembrado ao mundo pela Mensagem de Assis. Procurou a nova Fraternidade viver, sobretudo, o espírito de **penitência, simplicidade e pobreza**.



(1876 a 1954)

Natural da Alemanha, recebeu o hábito franciscano em 12/02/1896 no Convento de São Francisco da Bahia, chegou na cidade de Petrópolis em 1897, onde fundou a Editora Vozes em 05 de março de 1901, ordenou-se naquela cidade em 1903, vindo para a cidade do Rio de Janeiro fundou em 1910 a Pia União de Santo Antônio e a Ordem Terceira de São Francisco - Fraternidade de Santo Antônio em 1911 sendo seu primeiro Assistente período que durou 16 anos.

O nome de **Fraternidade de Santo Antônio** foi deliberado na primeira reunião mensal ocorrida em **28 de janeiro de 1912**.

No ano de **1916** um Terceiro ingressa na Primeira Ordem, estava aberto o caminho e muitos outros lhe seguem o exemplo, de 1912 a 1924 já quatorze irmãs se recolhem à vida conventual. Era a graça que se derramava abundantemente, a partir daí, nas Procissões de São Sebastião, Corpus Christi e nas Sexta-Feiras Santas, a Fraternidade se fazia presente, sempre cercada por halo de simpatia e respeito do fiel povo do Rio de Janeiro. Durante esse período 15 Ministros guiaram a nossa Fraternidade, todos movidos de intenso amor à Ordem e deixaram traços seguros de suas personalidades.

Em **1918** memorável pleito judicial assegura à Ordem dos Frades Menores suas instalações e a posse definitiva do Convento de Santo Antônio, mais tarde por sua vez, grandes reformas são realizadas no salão São Luiz, 300 cadeiras novas são compradas, a transformação da cozinha e no segundo pavimento a Secretaria e a Biblioteca são inauguradas com festa e com o salão repleto de Terceiros e convidados.

No ano de **1921** a Mesa Administrativa da Fraternidade (Conselho) doa os vitrais da fachada da Igreja. A Fraternidade tomava consciência do seu destino, novas vocações surgiam, que em uma demonstração filial de agradecimento à Primeira Ordem, procura recompensar com o pouco o muito que recebia.

Em **1923** a Fraternidade oferece ao Convento a Via Sacra queorna suas veneráveis paredes. Numerosos são os que procuravam se inscrever nas nossas sagradas fileiras.

Nessa época, contava a Fraternidade com elementos jovens que eram recebidos com muita satisfação e especial carinho. Ingressaram na ocasião uma moça de apenas 14 anos e mais duas de 15 e 16 anos. As três prestaram relevantes serviços à Ordem III. Escolheram, porém, ainda bem cedo “a melhor parte”, ingressando em Convento. Deixaram como era natural, saudades e um magnífico exemplo de piedade e dedicação.

Nos primeiros anos da Fraternidade entre as datas da primeira visita, 28 de fevereiro de **1925**, ao todo foram sete visitas canônicas que enriqueceram o Patrimônio Espiritual da Fraternidade. Foram realizados durante esse período, 50 Retiros Espirituais e os irmãos perseveraram na Fé e na Ordem, alguns dos quais deixaram profundamente gravados na alma dos irmãos, indelével sucos das graças do alto.

Procuravam a nossa Fraternidade, para nela se escreverem como Terceiros eminentes figuras: D. Antonio dos Santos Cabral, Arcebispo de Belo Horizonte, D. Carlos Duarte da Costa, Bispo de Botucatu, o General Nelson Sampaio, o Marechal José Bina Machado, o jornalista João Luiz Avesi dentre outros.

Aos 25 dias do mês de abril do ano de **1931** foi fundada a **Pia União Santa Mônica** para as vocações sacerdotais na Ordem Terceira de São Francisco de Assis – Fraternidade de Santo Antônio, com reuniões no salão do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, com a presença de muitas irmãs, foi presidida pela irmã Ministra **Thereza Augusta**, com a aprovação do diretor, Revm^o. Frei **Justo Scheidgen**, OFM. Seguiram-se mais dezenove reuniões das irmãs, sendo a última que se tem registro realizada em 02 de abril de 1933.

No dia 19 de novembro de **1931** a Fraternidade festejou o VII Centenário da morte de Santa Isabel da Hungria. Houve uma distribuição de alimentos e vestuários para 3.000 pobres, presidida por D. Darcy Vargas, esposa do Exmo. Sr. Chefe do Governo Provisório (Getúlio Vargas). Em seguida, foi servida uma farta mesa de doces aos convidados, na Sala de Santa Clara. Houve discursos de agradecimento aos presentes e enaltecedores das excelsas virtudes da nossa Padroeira.

O encontro com outras Fraternidades fortalece a fé, aprimora os corações, entusiasma. No ano de **1936** a presença das Fraternidades de Ipanema, Cascadura, Niterói e Petrópolis nas **Bodas de Prata da Fraternidade** une os irmãos.

O interesse dos Padres Franciscanos pela Ordem III sempre se fez sentir, e em **1939**, Frei **Domingos Schmitz**, OFM, Comissário Provincial da Ordem III organiza o **primeiro Congresso Regional no Rio de Janeiro** ao qual compareceram Fraternidades de vários Estados e a missa campal de encerramento, que se revestiu de tocante brilhantismo, no adro da igreja e do Convento de Santo Antônio. No Congresso foram debatidos vários temas fundamentais, dentre eles foi instituído o uso do distintivo da Fraternidade, sendo a palestra que mais destaque mereceu, (segundo **Frei Egberto Prangenberg**, OFM, participante do evento e que anos depois escreve em seu livro “**Francisco entre os Seculares – Tópicos Históricos-Sociais**” foi a de **Frei Orlando Álvares da Silva**, que abordou o tema “**A Ordem Terceira e a Juventude**” “Copiamos aqui apenas poucas frases do jovem franciscano que naquela altura tinha 3 anos de sacerdote e que, pouco depois, teve uma trágica morte na II Guerra Mundial:

“Se a igreja precisa lançar mão da mocidade para nela gravar profundamente os ideais cristãos e por meio dela restaurar a sociedade segundo o Evangelho, a Ordem Terceira de São Francisco não pode deixar de acolher em seu seio a mocidade católica, porque a OT foi e é até hoje um movimento essencialmente evangélico, chegando ao ponto de ser considerada pelos protestantes como precursora da Reforma. No entanto, infelizmente corre a opinião que a OT seja uma associação religiosa somente para

peças idosas ou para aqueles cujos ideais de vida religiosa reclusa não puderam ser realizados. A mocidade, e os jovens pais e mães de família, como dizem, não deviam pertencer à OT. É este o preconceito que se formou da OT. E este preconceito deve ser combatido, não a fim de se instituírem rivalidades entre as associações religiosas, mas sim porque ele comete injustiça a uma Ordem que cooperou eficazmente na restauração de uma sociedade que sofria das mesmas misérias que o mundo hodierno...”

Em **1943** fomos honrados com a presença de D. Jayme Câmara, na Festa de São Francisco. Alvo de festiva recepção, para que cada um tivesse um contato pessoal. Prova de solicitude paternal que a tanto nos comoveu.

Tivemos no mês de outubro do mesmo ano a profissão na igreja do Convento de Santo Antônio do Irmão **José Ferreira Amorim**, que tomou o nome de *Irmão Heliodoro*, perante o Padre Comissário Frei Heliodoro Müller, OFM (em 2011 consta com 95 anos de vida, dos quais **68** anos de professo na OFS. Atualmente **é o irmão mais antigo da Fraternidade**, se encontra bem de saúde e é assistido pelos SEI – Serviço de Enfermos e Idosos da Fraternidade).



xxxxxxxxxFoto do irmão José Ferreira e sua esposa, recebendo a visita dos irmãos da Fraternidade Joaquim e Rosa Maria (...../2011).

Histórico irmão.....

Em outubro de **1946** ocorre a profissão da Irmã **Ilma Ferreira Leite Araújo**, que toma o nome de *Irmã Maria Magnificat*, perante o Fr. Ludovico G. Castro, OFM (em 2011 consta com 84 de vida, **65** anos de professora e em plena atividade na Fraternidade).

Foto e Histórico irmã Ilma.....

Num relance de conjunto vemos que a Fraternidade de Santo Antônio não vivia isolada, mas estava engajada nas obras de misericórdia das Paróquias, da Arquidiocese e na Família Franciscana. São irmãos que pertenciam à Conferência Vicentina, visitavam os presos e os doentes nos hospitais. As irmãs se dedicavam ao ensino do catecismo, obra do Tabernáculo, costura na Obra Santa Isabel, Pão de Santo Antônio, dentre várias outras.

Em **1955** no Encontro Nacional Franciscano no Rio de Janeiro, foi lançada a semente da Ordem Franciscana Secular do Brasil que Frei **Mateus Hoepers**, OFM, estruturou, organizou, desenvolvendo com incansável zelo.



(10/31/1898 - 3/29/1983)

Foto de Frei Mateus e pequeno histórico UNIFICAÇÃO

No Brasil, a partir de 1972 a OFS foi unificada sob uma única obediência, constituído Conselhos de nível Nacional, Regional e Local. Isto só foi possível graças aos trabalhos incansáveis de Frei Mateus Hoepers, OFM que trabalhou pela unificação das obediências e irmão Paulo Machado da Costa e Silva, na elaboração da Regra até a reforma das Constituições Gerais em caráter experimental. O acontecimento máximo da renovação da OFS foi o surgimento da Regra renovada, confirmada por Paulo VI, em 24 de junho de 1978. Esta Regra foi elaborada pelos Franciscanos Seculares de todos os Países, em textos breves, simples, profundamente evangélicos e legitimamente Franciscanos, tendo com característica principal à secularidade. E desde então a Ordem Terceira passou a chamar-se Ordem Franciscana Secular. "*amai, estudaí e vivei, esta nova Regra*" recomendou-nos o Papa João Paulo II.

Na evolução da Fraternidade nos idos de **1957**, destacamos o trabalho de Frei **Graciano Stute Bley**, OFM como Diretor: organizou Círculos nos bairros; visitas domiciliares entre irmãos; o uso da bandeira; a localização do Decreto da Ereção Canônica da Fraternidade, obtendo cópia na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro; reorganizou a numeração dos irmãos por ordem de antiguidade; incentivou a assinatura da revista "**Paz e Bem**".

Foto de Frei Graciano Stute Bley e histórico

Chegando ao ano de **1961** foi comemorado o **Jubileu de Ouro da Fraternidade** no dia **08 de dezembro**. Naquele ano frequentavam a Fraternidade **161 irmãos e 350 irmãs**. O irmão **Aníbal Perácio** pede transferência para Brasília, **onde seria um dos fundadores da Ordem III na nova Capital do Brasil**. O espírito fraterno era cultivado não só na Fraternidade como no relacionamento com outras Fraternidades, com a Ordem I, participando dos eventos do Convento e recebendo anualmente, das Irmãs Clarissas, convite para a festa de Santa Clara à qual compareciam.

II) DOS 50 ANOS DA FRATERNIDADE ATÉ OS DIAS ATUAIS (1961-2011).

Na reunião do Discretório (Conselho) do mês de maio de **1963** o irmão Conrado de São Francisco, usa da palavra para apresentar a seguinte sugestão: fosse estudada a possibilidade de uma escala entre os irmãos professos a fim de que os mesmos se visitassem mutuamente, tivessem, por assim dizer, o seu encontro familiar do que resultaria uma maior aproximação social e afetiva, um mais íntimo contato fraternal entre as famílias dos irmãos, o que não permitem realmente as reuniões mensais.....
(ver se continua pág 11 v livro de crônicas).

A partir do mês de julho daquele mesmo ano as reuniões domiciliares tiveram início e foi criada uma comissão de irmãos para organizar as visitas para estender para todas as famílias terciárias da Fraternidade, com a criação de “Núcleos” em todos os bairros onde residam os irmãos. Os primeiros três Círculos Familiares instalados foram nos bairros do Grajaú, Botafogo e Santa Tereza respectivamente. As referidas reuniões contavam com o apoio e a presença do Padre Diretor Frei Graciano.

Participação efetiva de vários irmãos da Fraternidade, inclusive com o envio de recursos financeiros, para o “**I Congresso Nacional da Ordem Terceira Franciscana**” realizado de 20 a 25 de agosto de **1963 na cidade de São Lourenço-MG** com a presença de 2.056 congressistas leigos e 68 sacerdotes de diversos estados do Brasil. “Todos os terceiros se sentiram no Congresso como uma grande família de irmãos. O encerramento ocorreu dia 25 de agosto, festa de São Luiz, Rei da França, padroeiro da Ordem Terceira **(ver se vai continuar pág. 15 v)**”

Digno de nota é a presença do Irmão Herculano (**Marechal José Bina Machado**) na primeira geração da Fraternidade. “Terceiro Franciscano exemplar,



modelo de perseverança, piedade e humildade. Na vida pública e profissional exerceu cargos de destaque no Brasil (General-de-Divisão - 14.05.1955 a 15.10.1955 Titular de Órgão de Assessoramento do governo do Presidente Café Filho – Gabinete Militar) e no estrangeiro, mas não deixava de estar ligado à Fraternidade da qual foi intérprete em várias ocasiões com sua palavra fácil, inteligência viva e cultura religiosa profunda. Era estimado na Fraternidade pelo seu temperamento alegre, cordial, simples e modesto. Faleceu no dia 7 de agosto do ano de **1964** e ao se aproximar a hora de sua morte recebeu os sacramentos e quis ser enterrado com o hábito da Ordem” (Livro Tombo).

Na reunião do Discretório do mês de setembro de 1964, em face do mapa estatístico da frequência dos irmãos nos anos de 1962, 1963 e 1964, até agosto, verificou-se grande baixa de comparecimento às reuniões. Foram tecidas várias considerações a respeito. Decidiu-se fosse feito um levantamento total das faltas de todos os irmãos terceiros, para um exame objetivo e conseqüente estudo de medidas a adotar em face das “Constituições”

Em **1965** Frei Graciano Stute Bley, OFM se despede da Fraternidade e é homenageado pelos irmãos terceiros que prestaram uma tocante homenagem na Reunião Geral de janeiro de **1966** ao seu ex-Diretor “*Frei Graciano mão forte e suave, dirigiu nossos destinos com sabedoria, organizando simpatia geral pelo seu gênio alegre, de verdadeiro franciscano e pela ação enérgica de disciplinador.*” Assume como novo Diretor Frei Heliodoro Müller, OFM.

Registrado no mês de agosto de **1966** a doação pela Fraternidade de duas camas para o dormitório da Casa Pio XII, para os adoradores noturnos do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Santa Ana.

No ano de **1967** a Fraternidade de Santo Antônio se congratula com os irmãos **Aloísio Maria Teixeira** (Irmão Francisco Lourenço) eleito Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara e a nomeação do irmão **Cristovão** para Chefe Geral dos Serviços Odontológicos do Hospital dos Servidores do Estado.

Já em 28 de junho de **1968** faleceu o irmão **João Luiz Avesi** (Luiz Maria) que todos os domingos escrevia no Jornal do Comércio na coluna “Vida Católica” e após a sua morte referiram-se a ele como “um servidor fiel”. Rua do Livramento, 189 Gamboa Rio de Janeiro - RJ, 20221-194
<http://www.jcom.com.br/pesquisahistorica/capa>
(0xx)21 2223-8500

Com o Concílio Vaticano II (1961 a 1965) surgiram algumas modificações nos hábitos dos irmãos: a unificação das reuniões, tanto no Discretório como das Gerais; o uso apenas do nome civil; a supressão da capinha e do véu. Mas a seqüência na orientação franciscana e apostólica continua.

Realizada visita canônica à Fraternidade de Santo Antônio nos dias 20 e 21 de setembro de **1969** pelo Padre visitador Frei Egberto Prangenberg, OFM, na época Assistente Provincial. Pela primeira vez Irmãos e Irmãs estiveram reunidos na visita oficial, tanto na sessão do Discretório como na Assembléia da Fraternidade. Sendo assim, lavrou-se somente um termo, lançando-se em livro, que até aquele momento pertencia à seção feminina e que daquela data em diante, passou a ser “livro termo da Fraternidade toda”.

Frei Egberto deixa em seu termo de visitador, verdadeiras constatações e orientações para o futuro da Fraternidade, dentre elas vejamos:

“Devido à situação geográfica do Rio (a dispersão dos membros sobre uma faixa muito extensa), os trabalhos quase se limitam aos sábados e domingos. Reconheço os sacrifícios que muitos tem que enfrentar para participar da vida da Fraternidade. O fato de o Convento não estar ligado a uma paróquia, com sua vida, com sua juventude – o centro da nossa cidade não é zona residencial – dificulta muito a conquista de novas vocações. Hoje a Fraternidade ainda

se compõe de 457 membros. Comparando, porém, a idade das pessoas, devo constatar que abrangemos apenas 3% com menos de 30 anos, mas 36% com mais de 70 anos. Isto significa que numericamente amos diminuir em futuro próximo, se não concentrarmos nossa atenção neste ponto. Forme-se uma pequena equipe para estudar, a fundo, este assunto, e traçar linhas claras de uma campanha de descobrir vocações, baseando-se nos questionários do boletim Paz e Bem de julho-agosto/69, pág. 104 e 105. A obrigação da descoberta de novos membros é da coresponsabilidade de todos.” e escreve ainda “Reconheço os trabalhos prestados por uma equipe de Irmãos, em benefício de crianças pobres e para a obra do Tabernáculo, bem como sua dedicação e seus sacrifícios para, anualmente, realizar a festa de Santo Antônio, em prol dos pobres; reconheço, igualmente, os serviços prestados por Irmãos e Irmãs na obra da catequese e nas Conferências Vicentinas. É nossa missão franciscana dedicar-mos-nos, na paróquia em que residimos no apostolado. Seria interessante abrir uma vez uma lista, para cada um nela depor a espécie de seu trabalho apostólico e as horas que, semanalmente, nele está engajado, a fim de vermos se realmente todos se interessam pela irradiação do Evangelho.”

Em 1970 realizou-se uma peregrinação a **São Lourenço-MG**, organizada pela Irmã Valéria (**Noêmia Eloy de Siqueira**), de 6ª feira a domingo da Semana Santa, com bom número de Terciários e familiares, tomando-se parte, ali, de todas as cerimônias, que tiveram grande brilho. Os irmãos Terceiros daquela cidade nos acolheram carinhosamente em suas casas, como pessoas de sua família. Pudemos ver ali a grande Obra Social que realizam os nossos Irmãos Terceiros, notadamente entre favelados.

No ano de **1971 Frei Mateus Hoepers**, OFM, Assistente Nacional da OFS, festejou o seu Jubileu de Ouro sacerdotal em sua terra natal – Forquilha-Criciúma-SC **pág 55 v e 56 livro de crônicas.**

A Fraternidade celebrou em maio do mesmo ano em união com os Irmãos de todo o mundo o 750º aniversário de fundação da Ordem III, (hoje denominada **Ordem Franciscana Secular**) pelo próprio São Francisco, em 1221. Às 07:00 horas, na sede da Fraternidade, no salão São Luís concelebraram a Santa Missa Frei Mateus, Frei Egberto e Frei Armindo, Assistentes Nacional, Provincial e Local, respectivamente, da OFS, com a participação de bom número de Irmãos e Irmãs das Fraternidades do primeiro Distrito, unidos, assim, espiritualmente, aos Irmãos delegados de todo o mundo, que àquela hora estavam sendo recebidos em audiência pelo Santo Padre.

Com grande pesar registrou-se o passamento, no dia 7 de maio, em São Paulo, do Rev. Padre **Frei Graciano Stute Bley**, OFM, que durante oito anos foi Guardião do Convento e Diretor da Ordem Terceira, a quem muito devemos o zelo que sempre nos dedicou.

Em agosto de **1972**, realizou-se pela primeira vez na Fraternidade um **retiro espiritual misto**, dividido em duas turmas de irmãos e irmãs, nele foi pregador o Rev. Padre **Frei Alberto Beckhäuser**, OFM

A irmã **Noêmia Eloy de Siqueira** (irmã Valéria) começa uma campanha de donativos para as Missões a serem enviados ao Santo Padre por ocasião do Jubileu da OFS (1221/1971); o irmão Dr. José Gomes Viana põe à disposição dos irmãos seus serviços médicos dentários; cinco irmãos são investidos como Ministros Extraordinários

da Eucaristia. É instalada a Ala Paciente, proposta pelo Conselho Nacional; os Cursilhos, com a participação de vários irmãos.

Criado em janeiro de **1974** o **Boletim mensal da Fraternidade**, de caráter informativo, intitulado **“Vida Fraterna”**, cujo 1º número circulou neste mês, sob a coordenação da irmã Valéria, Coordenadora de Relações Públicas, e direção do irmão João Bosco.

Em 1974 falece durante a reunião da Fraternidade a irmã **Noemia Eloy de Siqueira**. Professora exerceu um grande apostolado franciscano nas escolas públicas, levando os alunos a conhecerem a vida de São Francisco: organizou uma exposição de cartazes no Aeroporto Santos Dumont e no Ministério da Educação. Formou em sua casa um **Centro de Irradiação Franciscana** para todo o Brasil. Estava sempre imaginando meios de divulgação do seu apostolado. Tendo falecido em 26 de maio, mês de Maria, dia da Ascensão do Senhor e Dia Mundial das Comunicações, estas festas resumem toda a vida da irmã Noêmia. Se sua morte não foi no dia de São Francisco, foi em meio aos seus irmãos franciscanos, quando apresentava o último capítulo da História do Convento de Santo Antônio, tendo tido apenas o tempo de dizer: **“Continuem... Meu Jesus Misericórdia”**.



Aqui abrimos espaço para relatar na íntegra os fatos narrados sobre a morte da irmã Noêmia Eloy de Siqueira, **que ao professar na Ordem tomou o nome de Irmã Valéria:**

“O seu mal estar repentino e morte, poucos minutos depois, causaram impacto a quase toda a Fraternidade, que estava reunida naquele dia ainda mais numerosa porque haveria um almoço de confraternização ao meio dia, em benefício da “Obra do Berço”. Apesar disto, passado o susto e as crises de choro de muitos, todos comentavam a sua bela morte, em meio a todos os irmãos em São Francisco, que oravam sem cessar por seu descanso eterno, e no salão de reuniões, a serviço da Ordem, em plena luta sua propagação e dinamização, que era para ela uma verdadeira obsessão, apesar dos seus quase 80 anos! Foi uma das maiores divulgadoras da OFS, em âmbito nacional, daí ser estimada por todos, em toda parte. Por coincidência, seu passamento ocorreu no dia da Ascensão do Senhor, no mês de Maria, no “Dia Mundial das Comunicações; ela que era a imagem viva da comunicação, tanto no meio franciscano quanto no paroquial e em toda a parte. Todos desejaram morrer assim! O seu corpo foi velado, à tarde, no salão do Parlatório do Convento (fato inédito, pois ali só era para os frades), e à noite, até a saída para o sepultamento, no Salão São Luís, local de reuniões da Fraternidade, onde ela tombou. Ali foi celebrada Missa de corpo presente, pelo novo Bispo Auxiliar, D. Eduardo Koalk (amigo da família), tendo como cocelibrantes Frei Mateus Hoepers e Frei Egberto Praugenberg (Vice-Assistente Nacional e Assistente Regional da OFS, respectivamente), Frei Rufino e o Pároco da Igreja de Santo Afonso, de cuja paróquia ela fazia parte e atuava em seu apostolado. Na homilia, Frei Egberto, em palavras

candentes, realçou as qualidades da querida irmã desaparecida, dizendo que o espírito dela estaria sempre presente, e que, na pátria celeste, ela iria velar melhor por nossa Ordem. O se sepultamento no cemitério de São Francisco Xavier, teve grande cortejo, que, entoando cânticos, mais parecia uma procissão! Ao baixar à sepultura, Frei Egberto, entre comovido e entusiasta (qualidade que lhe é peculiar), proferiu, novamente, palavras de louvor à Irmã Valéria, dizendo que ela nos legou um testamento, que foram suas últimas palavras: “não posso mais; continuem.” A Missa de 7º dia, em 01 de junho, foi oficiada por Frei Hugo Baggio, OFM, Assistente da Fraternidade, que estava em viagem por ocasião da sua morte. Ele ressaltou o fato de a Igreja estar com o horário ocupado, pelo que talvez, por obra da Divina Providência, a Missa tinha de ser no mesmo local, no salão de reuniões, onde ela tombou a serviço da Ordem! Disse mais que, apesar de conhecê-la há pouco tempo sabia da amplitude de sua obra apostólica. Em ambas as ocasiões o salão não conteve o grande número de irmãos, familiares e amigos seus.”

Ainda no ano de **1974** no Convento de Santo Antônio foram reformadas duas salas e a cozinha: pinturas e instalações elétricas. Os gastos ficaram a cargo da Fraternidade que para fazer em face de tais despesas abriu um livro para doações mensais dos irmãos, foi realizada venda de calendários, etc.

Às tristezas, seguiram-se alegrias pelo convívio mais prolongado nas peregrinações e passeios que a Fraternidade proporcionava. A confraternização do Natal em união com a Pia União de Santo Antônio e a Obra do Divino Espírito Santo demonstram o espírito cristão de todos.

Foto viagem (com Nadyr)

Aconteceu no início do mês de setembro de **1975**, com duração de 30 dias e teve como Guia Espiritual nosso Padre Assistente Frei **Hugo Domingos Baggio**, OFM a **Peregrinação do Ano Santo**, que começou pelos lugares Santos da França, Itália, Espanha e Portugal. Os que puderam foram também à Terra Santa. Essa Peregrinação teve a participação de pelo menos 90 irmãos de quase todas as partes do Brasil. Entre elas estavam inúmeros irmãos e irmãs das Fraternidades de Santo Antônio do Largo da Carioca e de Ipanema, tendo inclusive o irmão Rosadas de Ipanema como o responsável pelo Rio de Janeiro. Participaram da nossa Fraternidade de Santo Antonio, as irmãs Dalva, Nely Esteves, Gilda, Luizete, Nadyr, Mercedes, Olívia, uma das que se estendeu até a Terra Santa. Entre os irmãos, Agostinho, Luiz Maria, Newton e tantos outros.

Outro grupo de irmãos foram aos Santuários de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Sagrado Coração, em São Paulo.

O Retiro espiritual da Fraternidade do ano de **1975** durou três dias inteiros, de 31/10 a 02/11, tendo como pregador **Frei Floriano Surian**, OFM, que agradou plenamente com sua palavra eloqüente e seus desenhos ilustrativos.

No ano de **1976** ocorre o primeiro Retiro fora da sede da Fraternidade. Teve lugar na Casa de Emaús, anexa ao Mosteiro de São Bento, de caráter fechado, de 20 a 22 de agosto, tendo como pregador Frei **Basílio Röwer**, OFM, então Vice Provincial da 1ª Ordem. Dele participaram 4 irmãos e 33 irmãs.

No ano de **1979** a Fraternidade participa da Jornada Franciscana na cidade de São Lourenço-MG, partindo do Largo da Carioca às 7 horas, chegando em São Lourenço por volta das 13:00 horas. Os irmãos foram recebidos festivamente pelo Assistente Regional Frei Egberto Prangenberg e pela Ministra local **Dinah Veiga**.

No dia 29 de julho, houve um almoço de confraternização para comemorar o aniversário natalício de Frei Hugo Baggio, Assistente da Fraternidade. Após a Santa Missa celebrada por ele às 11:00 horas, tomamos parte num almoço carinhosamente preparado por algumas de nossas dedicadas irmãs da Pia União de Santo Antônio. Transcorreu a reunião num ambiente alegre e muito fraterno.

Ainda no mesmo ano, tivemos em mãos a nossa nova Regra aprovada pelo nosso Santo Padre Paulo VI de saudosa memória em 24 de junho de **1978**. O fascículo tem o título de “**Regra e Vida**”.

Em dezembro nosso Assistente Frei **Hugo Baggio**, OFM foi transferido para a cidade de Guaratinguetá-SP, após seis anos de convívio com nossa Fraternidade orientando-a sabiamente.

O novo superior do Convento de Santo Antônio é o Frei Gabriel da Veiga, OFM que também será o Assistente da nossa Fraternidade.

Em maio de **1980** a Fraternidade, acompanhada do Assistente Frei Gabriel, OFM, foi em peregrinação à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, onde o mesmo concelebrou a Santa Missa com o Bispo de Aparecida e outros sacerdotes. Após a Missa os irmãos fizeram uma visita a Frei Hugo Baggio, OFM, no **Seminário Frei Galvão** onde todos almoçaram ao som de cantos e violão executados pelos Seminaristas.

A Fraternidade teve nos dias 01 e 02 de novembro do mesmo ano, Retiro Espiritual externo pregado por Frei **Neylor Tonin**, OFM.

Em 1991 Frei Gabriel da Veiga, OFM, Assistente Espiritual da Fraternidade e o Ministro Luiz Maria Ramalho Ortigão de Sampaio, programam uma tarde de oração com Frei Neylor Tonin, OFM, sendo que haverá o mesmo todo último sábado do mês, com início às 16 horas.

A Casa do Irmão Franciscano recebeu de uma irmã a quantia de CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) como doação; verba para ser destinada única e exclusivamente para a obtenção da dita casa. Ficou encarregada da abertura de conta a irmã vice ministra Dalva Mendes de Lima.

Já no ano de **1981**, outros apostolados vão surgindo: a visita ao **Leprosário de Venda das Pedras em Itaboraí**, no dia 15 de fevereiro, com doações ao Capelão **Frei Daniel** para os doentes do hospital. Frei Daniel descreveu pormenorizadamente todas as peças pelas quais os visitantes passavam, merecendo a admiração de todos. Foi uma

visita muito proveitosa que satisfizes a todos e ao então Ministro **Luiz Maria Ortigão de Sampaio** cumprindo sua promessa a São Francisco.



Breve histórico de Luiz Maria Ortigão de Sampaio

O Irmão Luiz Maria de Ortigão de Sampaio, professor universitário, fez a sua profissão definitiva em 28/10/1951. Ao longo de sua vida como Irmão Terceiro sempre foi uma pessoa atenciosa e prestativa. Desligado da Fraternidade em 12/08/1961 retornou a formação e renovou sua Profissão em 24/10/1976. Exerceu os cargos de Ministro e Vice-Ministro.

Foi casado com Luisette Maria Falcão Ortigão de Sampaio, também Irmã Franciscana da Fraternidade de Santo Antônio do Largo da Carioca/RJ.

.....
No dia 4 de abril, dia de Encontro Fraternal e de Espiritualidade, na sede da Fraternidade de Santo Antônio contamos com a presença do Frei **Leonardo Boff**, OFM. **22/11/81** – Frei Gabriel

Em novembro Frei **Gabriel da Veiga**, OFM, Assistente da Fraternidade discorre sobre a vida de nossa irmã e padroeira **Santa Isabel da Hungria**. Traçou o seu perfil de Santidade destacando a fé, humildade, apesar de sua nobreza social, e o amor ao próximo. Chegou a ganhar de São Francisco o seu manto como presente. Foi canonizada quatro anos após a morte.

O ano de **1982** começa com a comemoração no dia 08 de fevereiro dos 100 anos de idade do irmão **Raul Silveira de Mello** que frequentava assiduamente as reuniões da Fraternidade nos quartos domingos de cada mês, desde a sua juventude, quando professor.

Realizou-se no mês de março do mesmo ano um encontro promovido pelo CEFEPAL, no Salão São Luis tendo como palestrante o então presidente regional **Frei Neylor Tonin**, OFM que falou sobre o VIII Centenário do nascimento de nosso Pai São Francisco.

Como nos anos anteriores

Frei Neylor e macaca outubro de 1982

No ano de **1983** Frei **Gabriel da Veiga**, OFM foi transferido para a cidade de Sorocaba-SP e em sua substituição foi designado Assistente da nossa Fraternidade Frei Edgard Weiss, OFM. Em sua despedida Frei Gabriel falou: *“Terei sempre alegria em saber que a Fraternidade cresce em espiritualidade.”* E enfatizou que: *“O cristão nunca se despede, está unido pela graça.”*

Em março do mesmo ano volta à casa do Pai o nosso querido **Frei Mateus Hoerps**. Ele que tanto amou a OFS deixou obras e escritos sobre a organização e aperfeiçoamento da Ordem Franciscana Secular, que deve muito ao seu empenho.

Foto Frei Mateus..... pequeno histórico

Aprovado em Assembléia o novo Estatuto da Fraternidade.

Em abril de **1985**, por motivo de obras no Convento de Santo Antônio, a Fraternidade fica sem espaço disponível para as suas reuniões mensais, porém a Divina Providência veio em nosso auxílio e tudo continuou como de costume: A **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito** na Rua Uruguaiana que cedeu o seu salão para as reuniões do 4º domingo e a **Paróquia do Sagrado Coração de Jesus**, na Glória, nos recebeu para os Círculos de Estudos no 2º domingo de cada mês. Terminadas as obras, a Fraternidade volta a se reunir no 4º domingo do mês no novo salão do Convento.

Enquanto isso a aquisição da “**Casa do Irmão Idoso**” vai tomando consistência: o irmão **Domingos Rosa dos Santos** oferece um almoço para auxiliar a compra da casa; Leonila Capri com outras irmãs promove “bazares”. A irmã **Valentina Isabel Bastos** falece e deixa uma grande parcela de seus bens para a casa dos irmãos idosos e uma irmã oferece um donativo maior possibilitando a compra da casa no bairro da Piedade. É posto em votação e o nome escolhido “**Casa Monte Alverne**” comprada em junho de **1985**.

A **Casa Monte Alverne** foi inaugurada em 05 de janeiro de **1986**, com uma Missa de Ação de Graças, após a benção da casa, seguida de um almoço de confraternização. Foram os dirigentes desta solenidade, Frei Egberto Prangenberg, OFM e Frei Erasmo Cleven, OFM.

A festa de Santo Antônio do ano de **1988** teve como pregador Frei **Neylor Tonin**, OFM, quando foi lançado o livro “De Coração Aberto”. Frei Neylor completou 50 anos de idade e na oportunidade a Fraternidade ofereceu-lhe uma lembrança.

Em agosto do mesmo ano, com profundo pesar a Fraternidade assiste ao sepultamento de Frei **Hugo Domingos Baggio**, OFM, seu ex-Assistente.



Foto Frei Hugo e SecularesRose, Nely Esteves, Luiz Maria – Pequeno histórico

Durante os anos de **1989 a 1991** tivemos os Retiros, dentre eles dois com Frei **Anselmo Fracasso, OFM**, Jornadas Franciscanas em vários locais no Rio de Janeiro, Alcântara, Niterói e Nova Iguaçu, celebrações da Santa Missa, seguida de almoços festivos realizados na Casa Monte Alverne com os queridos irmãos da Ala Paciente e a colaboração da Fraternidade trabalhando na “**Barraca das Flores**” nas festas de Santo Antônio.

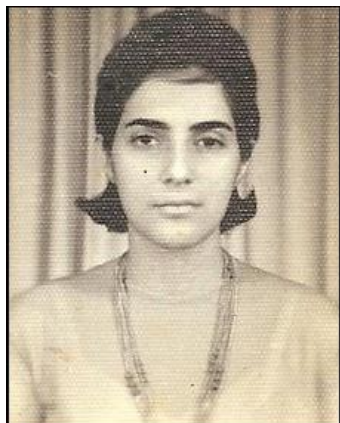
No dia 23 de setembro de **1992**, falece o Padre Assistente da Fraternidade Frei **Erasmão Cleven, OFM**.



Em **1992** a Irmã **Nelly Esteves** (.....) , Coordenadora de Comunicações encerra os escritos sobre a Fraternidade da seguinte forma **“O Livro Tombo registra muitos eventos que, infelizmente, não pudemos registrá-los nesta pequena síntese dos 80 anos de nossa Fraternidade. Possa este nosso trabalho dar aos irmãos atuais uma leve visão da trajetória que devemos continuar. Não nos faltam exemplos e incentivos. Que o Seráfico Pai São Francisco inspire a todos e demos graças a Deus por tudo de bom que a Fraternidade pode realizar.”**



Em 15 de dezembro de **1992** a Fraternidade celebrou os seus **Oitenta anos de Ereção Canônica** com Missa celebrada na Igreja do Convento de Santo Antônio por **Frei Alberto Beckhäuser, OFM**, na homilia referiu-se à Venerável Ordem III existente desde o século XVII para compreendermos a necessidade de uma nova Fraternidade: a falta de Frades da Ordem I para a assistência espiritual às Ordens Terceiras levou-as às obras de benemerência e sociais. Com a restauração da Província da Imaculada Conceição foi então fundada uma nova Ordem III, a atual Ordem Franciscana Secular que, hoje, graças à **“Regra e Vida”** de Paulo VI tem uma nova luz e força para viver atualizada na Igreja, segundo a espiritualidade de São Francisco de Assis.



Em 19 de julho de **1993** falece a Vice-Ministra irmã **Gilda Guimarães da Silva** (Esperança do Rosário), professou na Fraternidade em 1968, foi Mestra de Postulantes, por cerca de oito anos e eleita Vice-Ministra para o período de 1992 a 1995. Compareceram ao seu sepultamento vinte irmãos e irmãs, demonstrando seu afeto e sua gratidão à querida irmã Gilda que com sua amabilidade, alegria, criatividade, disponibilidade e amor fraterno foi sempre uma presença atuante e muito forte na Fraternidade. Deixou-nos o exemplo de sua vida dedicada à família e voltada para o amor a Deus e a Nossa Senhora.

Abertura em Agosto do Ano Clariano – 800 anos do nascimento de Santa Clara de Assis, a Fraternidade esteve presente nas cerimônias realizadas nos Mosteiros das nossas irmãs Clarissas da Gávea e de Nova Iguaçu.

Em outubro do mesmo ano nossa Fraternidade recebe a visita na Reunião Geral da Fraternidade de **São Leopoldo Mandic** de Teresópolis. Os irmãos foram recebidos com uma salva de palmas e saudação do irmão Ministro **Ronald Abrahão** que manifestou nossa alegria e satisfação em recebê-los e nossa irmã **Rosa de Lourdes** cantou uma canção para os irmãos visitantes. Durante a Reunião foi dada a palavra à irmã Ministra **Elizabeth de Jesus de Menezes** que falou sobre o histórico da Fraternidade: seu patrono, seu fundador e suas atividades, no final da Reunião irmã Nelly Esteves ofereceu à irmã Elizabeth um vaso de violetas e santinhos de lembrança para toda a Fraternidade.

Na visita Fraternal Pastoral do ano de **1994** à Fraternidade, o então Assistente Regional do Sudeste II, Frei **Cláudio Guski**, OFM, falou-nos da necessidade e da importância da Formação. Falou-nos ainda sobre:

“a) Penitência – fazer penitência na visão franciscana é amar a Deus porque Deus é Amor. Penitência para São Francisco era viver constantemente em Deus. Devemos ser nas atitudes como Deus é para com os pecadores. Amar a todos mesmo aos que não gostam de nós. Saber perdoar ;

b) Vivência evangélica – Amar a Deus por Ele mesmo. “Amamos a Deus por Ele mesmo à medida que amamos a todos como Jesus nos ama.”

Em novembro de **1994** visitamos a **Fraternidade de São Francisco de Assis no Rio Comprido**. Realizou-se a visita numa acolhida verdadeiramente fraterna. O Ministro da Fraternidade de Santo Antônio fez uma breve saudação à Fraternidade de São Francisco de Assis e deu a palavra à Coordenadora de Comunicação, irmã Nelly Esteves, para um sucinto relato histórico da Fraternidade de Santo Antônio. Pediu a palavra o irmão **Sylvio Vieira de Carvalho** que falou de sua ligação com o Convento de Santo Antônio e a Fraternidade da OFS através de Frei Mateus Hoepers, OFM seu Diretor Espiritual e que o conduziu como 1º Ministro da Fraternidade de São Francisco de Assis.

Pediu a palavra nossa irmã **Dalva Mendes Lima** que, no início da fundação da paróquia trabalhava no Morro de São Carlos, ali próximo, e mantinha contato com Frei Julio o qual ia celebrar a Missa aos domingos no Centro de Assistência Social dando também assistência às crianças. A irmã Maria do Carmo Giovaglia fez uma ótima apresentação do estudo que a Fraternidade faz mensalmente no livro **“A Verdade sobre o Homem”** de Frei **Fernando Uribe**, O Ministro leu um trecho do livro “Fioretti” e o Assistente Frei Otto fez uma longa exposição sobre o problema do racismo e se despede, pois estava de partida para a América do Norte.



Em janeiro de **1995** a Fraternidade se despede de Frei **Alberto Beckhäuser**, OFM, com uma homenagem manifestando agradecimento pelo que o mesmo fez pela OFS- Fraternidade de Santo Antônio nos dois anos que ficou como nosso Assistente Espiritual.

Foto Frei Alberto e pequeno Histórico

No mês de junho celebramos o VIII Centenário do nascimento de nosso Patrono – Santo Antônio. Após a Missa do dia 12, dia dos namorados, foi lançado o selo de Santo Antônio com a presença do Guardião do Convento Frei **José Pereira**, OFM e autoridades locais, animando o evento o coral dos Canarinhos de Petrópolis.

Em 15 de agosto teve início às 18:00 horas Missa para celebrar os VIII anos de nascimento de Santo Antônio, com a participação da Pia União e da OFS, que apresentou um jogral sobre a vida do santo.

Já no ano de **1996**, destacamos os festejos do dia 04 de outubro, dia do nosso Seráfico Pai São Francisco, realizou-se no Convento de Santo Antônio, Missa solene, concelebrada pelos Frades Franciscanos e Frades Dominicanos. Após a cerimônia o Guardião do Convento Frei José Pereira ofereceu um jantar para o Conselho da Fraternidade, para os frades Franciscanos e Dominicanos.

No mês de maio de **1997** as irmãs Maria Eugênia(....) e Leonila Capri (Gertrudes) comemoram 90 anos.



Foto Irmã Maria Eugênia - histórico Foi Ministra da Fraternidade durante 12 anos exercendo esse ministério com total dedicação e amor.

Foto Irmã Gertrudes - histórico Foi por longos anos Secretária, responsável por diversos cargos no Conselho da Fraternidade.



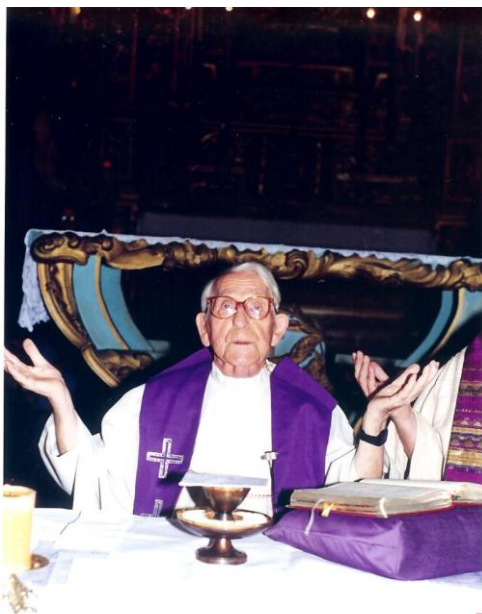
A **Fraternidade do Sagrado Coração de Jesus de Petrópolis** celebrou seu primeiro Centenário no dia 25 de maio e nossa Fraternidade se fez presente por um grupo de irmãos.

Nos dias 26 e 27 de julho Frei **Luiz Colossi**, OFM, prega o Retiro anual para a Fraternidade.

No dia 18 de dezembro Frei Egberto Prangenberg, OFM,

Chega ao Rio de Janeiro o **Papa João Paulo II** para o 2º Encontro Mundial com as Famílias e a festa de São Francisco foi transferida para o dia 07 no Convento com um

No dia 18 de dezembro Frei **Egberto Prangenberg**, OFM, completa oitenta anos de idade e sessenta anos de vida religiosa, houve Missa e um belíssimo bolo.



1944: Professor no Colégio Santo Antônio, em Blumenau

1945-1948: vigário paroquial; assistente do Círculo Operário e responsável pelas obras sociais na Paróquia Santo Antônio do Pari, em São Paulo, SP.

1947: recebeu no Porto do Rio de Janeiro, seu irmão Henrique, mais tarde, Frei Valeriano, quando iniciou seu noviciado em 19/12/1947.

novembro de 1948: foi para Milão, Itália, onde fez um curso livre na Universidade do Sagrado Coração de Jesus.

1949 -1953: Continuou os estudos em Lovaina, Bélgica, na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais, defendendo a tese doutoral (1953) "O Direito Social nos Estados Unidos do Brasil - Ensaio histórico-sociológico".

1954-1955: Professor de teologia pastoral, em Petrópolis, RJ.

1956-1958: Vigário Provincial, em São Paulo, SP.

1959-1961: Com a mudança do Curso Pastoral (5º ano de teologia), de Petrópolis para o Rio de Janeiro, assumiu a coordenação do mesmo.

1962: foi nomeado visitador geral da Província de Santa Cruz, na época abrangendo os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, sul da Bahia e parte do Rio de

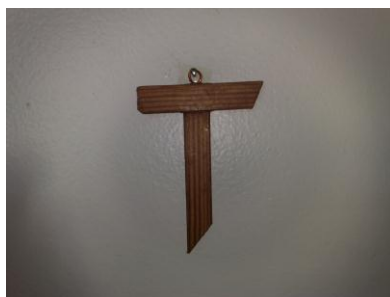
Janeiro.

1962-1967: Transferido para a Bélgica com a função de guardião e reitor do Seminário de Garnstock.

1968-2002: A partir de janeiro de 68 foi totalmente liberado para o trabalho e a assistência à OFS - Ordem Franciscana Secular, residindo no Convento Santo Antônio, no Rio de Janeiro.

Nos dias 24 e 25 de julho de 1999 realiza-se o Retiro Espiritual anual e o pregador é nosso Assistente **Frei Odécio**.....

Encerramos este trabalho com o Tau que pertenceu a Frei Egberto e a saudação franciscana de **Paz e Bem!**



Fontes:

1-Livros de Atas de Reuniões e Livro de Crônicas da Fraternidade de Santo Antônio período de 1911 a 1961

2-Relatório Original do Cinquentenário da Fraternidade feito pela irmã Nelly Esteves, OFS (01/11/1913 a 09/12/1999)

3-Livro – Francisco entre os Seculares – Tópicos Histórico-Sociais – Autor: Frei Egberto Prangenberg, OFM, 1996

3-Livro - O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, sua história, memórias, tradições – Autor: Frei Basílio Röwer, OFM, ed. Zahar – Jorge Zahar Editor 4ª edição, 2008

Fotos:

*Santo Antônio e São Francisco extasiados aos pés de Cristo crucificado. Pintura do artista italiano Giovanni Battista Moroni (1520-1578).

**Frei Inácio Hinter, OFM, convite do jubileu sacerdotal no ano de 1928.

Esther Pedreira de Mello: uma feminista na Direção da Escola Normal

Decidi investigar para meu projeto de tese de doutoramento, Esther Pedreira de Mello, uma mulher do século XIX que, ainda que a profissionalização da professora primária ainda não tivesse ocorrido de fato, foi indicada por José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, para dirigir a Escola Normal do Distrito Federal no primeiro decênio do século XX.

Este ato de Medeiros e Albuquerque foi tão inovador para a sociedade naquele momento que, anos depois, na Academia Brasileira de Letras, Afrânio Peixoto, ao discursar sobre a morte deste amigo (SILVEIRA, 1954, p.90), lembrou-se que ele à frente da Diretoria de Instrução Pública ele criara novos valores, fora da esfera política, Manoel Bonfim e Esther Pedreira de Mello, na movimentação da reforma do Distrito Federal.

Também de Esther Pedreira se lembrou o educador Paschoal Leme, em suas Memórias[1]:

Em consequência dessas medidas, o velho casarão do Largo do Estácio, onde funcionava então a Escola Normal, encheu-se de repente com cerca de três milhares de novos alunos, a maioria, naturalmente, constituída de elementos do sexo feminino, que sempre predominaram no magistério primário: a matrícula que fora de 889 alunos, em 1918, subiu para 2.950, em 1919. [...] Alguns incidentes dessa época quebraram a regularidade das aulas e produziram impactos variados que, por assim dizer, enriqueceram a secura da rotina das aulas. Assim foi a revolta, principalmente dos rapazes, contra a nomeação de Ester Pedreira de Melo para diretora da escola, a primeira mulher a ascender a essa posição, apesar de ser professora de renome e também uma das primeiras a ocupar o cargo de inspetora escolar. (p.120)

Esther fez parte da Congregação da Escola Normal do Distrito Federal, meu objeto de estudo no Mestrado, que me levou ao encontro de vários educadores, suas histórias de vida, suas redes de sociabilidade e as obras pelas quais se perpetuaram. Dentre **mais de cem educadores, todos homens, surgiu na pesquisa o nome de Esther Pedreira**, não uma professora - mestre de Trabalhos de Agulha ou Ginástica[2] Feminina, mas **professora de Pedagogia da Escola Normal**, o que me instigou, visto o papel representado por esta Cadeira naquela época. Reger as aulas de Pedagogia, significava ser responsável administrativa e pedagogicamente pela Escola Anexa, cargo até então não ocupado pelo gênero feminino, onde os ensinamentos práticos da profissão docente eram ministrados por adjuntas.

[1] LEME, Paschoal. Memórias de um Educador. Vol.I. Brasília: MEC/INEP, 2004

[2] As mulheres ocupavam cargos de mestre na Escola Normal. Os mestres eram pessoas qualificadas a exercer certo ofício em concurso público (Trabalhos de Agulha, Ginástica feminina e masculina, Trabalhos Manuais, Música).

Ao pesquisá-la, ainda então, muito superficialmente, descobri que fizera parte da luta de emancipação feminina ao lado de outras mulheres de seu tempo, o que lhe dava um patamar social de exercício de cidadania muito além das atividades profissionais que exerceu.

Esther Pedreira de Mello, baiana da cidade de Cachoeira, segunda filha do casamento de D. Clara Pedreira de Mello e do Dr. Isaias Guedes de Mello. Estudou na Escola Normal para ser professora primária até 1897, após os exames finais realizados na 4ª escola feminina do 1º Distrito [3], tendo sido aluna exemplar, razão pela qual foi convidada, a partir de 1902, a reger as aulas de Pedagogia. [4]

Foi, antes de ser professora de Pedagogia, designada por Medeiros e Albuquerque como Inspetora Escolar, cargo reservado, segundo Silveira (1954, p. 89) a afilhados de políticos, não por sê-lo, ainda que seu pai, Dr. Isaias Guedes de Mello, fosse conhecido e hábil advogado com grande clientela, inclusive Ruy Barbosa, mas por merecimento, sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo. (p.89).

Por outro lado, o pai de Esther, o advogado Dr. Isaias Guedes de Mello, durante a luta da Dra. Myrthes Gomes de Campos para ingressar no Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros (IOAB) no início do século XX, por duas vezes votou contrariamente à entrada da causídica por ser ela mulher [5], logo não devia entender e apoiar os cargos que sua filha galgava, ainda que estes fossem no magistério e, provavelmente não teria usado seu prestígio no campo jurídico para impulsionar a carreira profissional da filha.

Para ele, a mulher deveria ser do lar, assim como a personagem Isidora, tão bem descrita por Júlia Lopes de Almeida:

Quatro horas da tarde, Isidora acaba de servir chá com bolos às suas amigas Madalena, Luciana e Marta. O gato preto Nhônô persegue no chão as sombras movediças da trepadeira da janela, de folhas chatas como borboletas. As senhoras palestram. (1910, p. 09)

Esther Pedreira de Mello assumiu a direção da Escola Normal, ao deixar este cargo o Dr. Ignácio Manuel Azevedo do Amaral (1883-1950), para ser reitor da Universidade do Brasil, em 1920. Foi a primeira mulher brasileira a dirigir um educandário público e legitimado como formador de professores primários, no Distrito

[3] DOU de 9/12/1897, p. 3188.

[4] CEMI. Livro de Designações

[5] Ver GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal, FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz e MOTTA, Marly Silva da. In: BAETA, Hermann Assis. (dir.) *O IOAB na Primeira República*. Brasília: OAB editora, v.3, 2003

Federal. Não foi, no entanto, bem recebida na Escola Normal a assunção da professora Esther ao cargo de Diretora seja pelos professores, seja pelos alunos, ainda que poucos,

Por que Medeiros e Albuquerque tomou esta decisão legítima e nomear uma mulher, ex-normalista e voltada às lutas de emancipação feminina, para dirigir a Escola Normal quando tinha possibilidade de escolher qualquer intelectual do gênero masculino, membro da Congregação ou de seu grande círculo de amigos sem criar polêmica alguma?

Tendo uma educação formal, aos moldes da época dentro do espaço familiar, os exemplos históricos de Ana Nery[6] e Maria Quitéria[7], suas conterrâneas do Recôncavo baiano teriam influenciado a professora Esther a envolver-se na luta feminina participando da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher?

Esther Pedreira de Mello participou, também, como presidente, da Sociedade Anônima Escola Primária, entidade que criou, responsável pela publicação da Revista *Escola Primária* (DOU de 22/11/1916)[8], da Conferência Interestadual de Ensino Primário em 1921[9] e da I Conferência pelo Progresso Feminino, na Comissão de Educação e Instrução (1922)[10], o que demonstra que ia além do discurso para o pragmatismo de ações em prol de suas convicções.

Era, portanto, uma mulher voltada à luta feminina através da educação da mulher, que, ao lado de Bertha Lutz e Nísia Floresta, ficou obscurecida provavelmente por morrer muito cedo, em 1923, no início da luta feminista.

Não pude encontrar nenhuma obra sobre Esther Pedreira de Mello e sua participação profissional na Inspeção da Instrução Pública e na Escola Normal. Seu nome, no entanto, foi citado na Conferência pelo Progresso Feminino, constante do fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, do acervo do Arquivo Nacional brasileiro, como também em fonte na fundação, como presidente, da Revista Ensino Primário, e como membro de Comissão para deliberação de estágios e programas de

[6] Ana Nery foi enfermeira voluntária na Guerra do Paraguai (dezembro de 1864). Casada com um capitão-de-fragata (Isidro Antônio Nery) morto em 1843, que deixou-lhe três filhos, dois deles oficiais do Exército; Ana requereu ao presidente da província da Bahia que lhe fosse permitido acompanhar os filhos e o irmão (major Maurício Ferreira) durante a guerra ou prestar serviços nos hospitais do Rio Grande do Sul. Deferido o pedido, Ana prestou serviços ininterruptos durante toda a campanha, em hospitais militares de Salto, Corrientes, Humaitá e Assunção. Terminada a guerra, voltou à Cachoeira, cidade que lhe rendeu grandes homenagens, recebendo do governo imperial a Medalha Geral de Campanha e a Medalha Humanitária de Primeira Classe. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 66 anos de idade. SEVERO, Cláudia. Cachoeira e São Félix: Recôncavo Baiano. Disponível em <http://www2.uol.com.br/mochilabrasil/cachoeira.shtml> Acesso em 06/08/2011

[7] Maria Quitéria de Jesus (1792-1853), militar heroína da Guerra da Independência. Entre 1821 e 1822 quando iniciaram-se na Província da Bahia manifestações contra o domínio português, Maria Quitéria pede ao pai (sem filhos homens) autorização para alistar-se. Surpreso o pai nega-lhe o pedido e ela foge para a casa de uma meio-irmã, e com a ajuda dela e do marido (José Cordeiro de Medeiros) corta os cabelos, veste-se como homem e dirige-se à vila de Cachoeira, onde se alistou como "Medeiros" no Regimento de Artilharia, onde permaneceu por duas semanas, até ser descoberta pelo pai. Defendida pelo Major José Antônio da Silva Castro (avô do poeta Castro Alves, o "poeta dos escravos") comandante do Batalhão dos Voluntários do Príncipe, foi incorporada à tropa em virtude de sua habilidade com armas e reconhecida disciplina militar. Ao seu uniforme foi acrescido um saíote (nesta ocasião e depois de outras batalhas quando já era Cadete e portava espada, capacete e penacho). No monumento ao 2 de Julho (Dia da Independência da Bahia) na praça do Campo Grande em Salvador, pode-se ver escultura homenageando a "Joana D'Arc brasileira". Por decreto presidencial (de 8/06/1996) Maria Quitéria foi reconhecida como Patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro e sua imagem encontra-se em todos os quartéis e repartições militares do país. Maria Quitéria nasceu no sítio do Licuriro, no Arraial de São José das Itaporocas, na comarca de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, atual Feira de Santana (BA). SEVERO, Cláudia. Cachoeira e São Félix: Recôncavo Baiano. Disponível em <http://www2.uol.com.br/mochilabrasil/cachoeira.shtml> Acesso em 06/08/2011

[8] Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1886310/dou-secao-1-22-11-1916-pg-33/pdfView>

[9] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. I Congresso Nacional de Educação. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1946 p. 8

[10] BONATO, Naidá. O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: uma fonte múltipla para a história da educação das mulheres. In: BRASIL. Arquivo Nacional. Acervo, *Revista do Arquivo Nacional*. Vol. 18 nº 1 e 2. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, jan./dez 2005

ensino sobre as escolas rurais e urbanas, em 1921, fonte do acervo do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Também não pude encontrar, senão referências do nome da educadora, em pesquisas sobre Bertha Lutz ou Nísia Floresta e em estudos das Conferências, Congressos e movimentos que participou. Nestes trabalhos apenas seu nome é citado, sem qualquer afiliação, seja à Inspetoria, seja à presidência da Revista do Ensino, seja como diretora da Escola Normal do Distrito Federal, o que me impulsionou, cada vez mais, a contribuir para os estudos historiográficos desta mulher e sua atuação na área da educação de modo a preencher uma lacuna sobre os estudos de gênero.

Na rede de escolas municipais do Rio de Janeiro não pude achar a Escola Municipal professora Esther Pedreira, citada por Silveira (1954) como sendo no 6º Distrito Escolar (p.90) embora exista na Biblioteca Nacional um Hino à Escola Esther Pedreira de Mello, oferecido por Ernesto Nazareth, seu autor e ex-aluno desta escola, à Diretora D. Zuleica.

Estou às voltas, pois, com uma mulher, nascida no século XIX (1880), que participou da luta feminina sem no entanto ter reconhecimentos póstumos por esta ação. Esther, no meu pesquisar, ainda inicial, está na penumbra. Estou à procura, em minhas investigações e fontes, de luzes que a mostrem por inteiro: mulher e educadora da Escola Normal.

Posted 12th August by [Professora Msc. Heloisa Helena Meirelles](#)